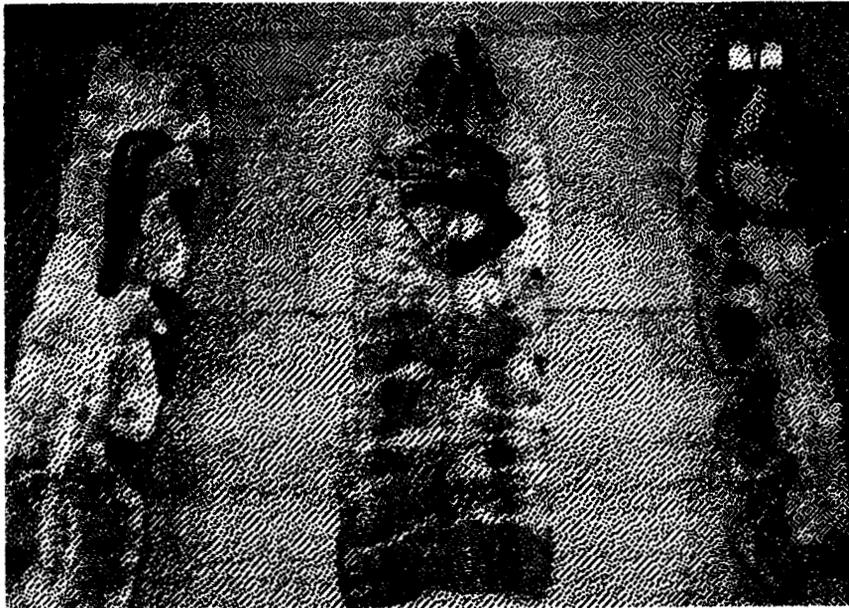


UM CONCEITO DE DESENHO E O ENSINO DE DESENHO

*Lucimar Bello Pereira Frange**

**MANIFESTOS DESENHO
CONTEMPORÂNEO 1993
LUCIMAR BELLO MANI
MANIFESTOS DESENHO
CONTEMPORÂNEO 1993
LUCIMAR BELLO MANI
FESTOS DESENHO CON
TEMPORÂNEO 1993 MA
NIFESTOS DESENHO C
ONTEMPORÂNEO LUCIM
AR BELLO 1993 MANI
FESTOS DESENHO CON
TEMPORÂNEO LUCIMAR
BELLO MANIFESTOS D
ESENHO CONTEMPORÂ
EO 1993 MANIFESTOS
DESENHO CONTEMPORÂ
NEO LUCIMAR BELLO
MANIFESTOS DESENHO
CONTEMPORÂNEO 1993
MANIFESTOS DESENHO
CONTEMPORÂNEO 1993**

* Professora do Departamento de Artes da Universidade Federal de Uberlândia.



Desenhos Escultóricos - Lucimar Bello 92, 93/94

*Abandonamos a síntese unitária
para nos reencontrar ou nos perder deliciosamente
nas delicadezas do ínfimo,
esquecidos do universal
em prol das singularidades preñhes de sentidos.*

Michel Serres

As transformações do conhecimento na virada do século induzem a uma série de questionamentos, entre os quais a relação entre **O Desenho Contemporâneo & A Arte & A Educação & A Sociedade**. DESENHO e ENSINO DO DESENHO é um dos grandes desafios e uma das questões estranguladoras do que temos denominamos "Arte-Educação".

Sobre O DESENHO

Desenhar é Desenhar-se!

É autofundar-se: é transformar-se: é transfundar-se social e pluridimensionalmente.

Desenhar vai além da relação papel e lápis: é além de um nome e de uma denominação.

Desenhar é performance visceral, não é adestramento.

Desenhar é edificar singularidades, afetar os outros e se deixar afetar.

Sobre A ARTE:

Na contemporaneidade, a estética é eco-ético-cultural (político-social). Abarca e busca saberes intercambiados.

Através das tradições, a Arte atua e mergulha nos campos de heranças das imagens-formas.

Através das invenções, a Arte mergulha nos universos internos-externos imaginários e imagináveis dos e nós seres humanos.

Através da pluralidade e intercâmbio de tecnologias e conhecimentos indagadores, a Arte mergulha no mundo pós-moderno da multiplicação de *medias*.

"Arte não se ensina; arte se vive, arte se faz" (Baravelli).

A estética na pós-modernidade é a arte do lugar-não lugar. É o "não-presente no presente"

de Lyotard.

Sobre A EDUCAÇÃO:

Saber na contemporaneidade é descobrir uma totalidade composta de

fragmentações infinitamente dispersas. É saber com dimensão social-holística. Do caos à ordem, para “outra ordem” - uma desconstrução que necessita pressupostos construtivos alicerçados na práxis - **experiência e vivência estética, fruição cultural e fazer reflexivo que gera uma CONSTRUTIVAÇÃO INQUIRIDORA, uma teoria crítica dos conteúdos.**

Sobre A SOCIEDADE:

A sociedade contemporânea é composta de grupos multiculturais e pluridimensionais que intercambiam inquietações - são pares e são ímpares, pois mantêm suas diversidades.

É uma sociedade alicerçada nas memórias, nos desejos, nos investimentos desafiadores, no trabalho - tempo útil e tempo ócio, nas buscas e encontros, nos olhares culturais que furam, escarafuncham e adentram.

Considerações

Criatividade não é herança. Criatividade é invenção. Arte é uma constante desterritorialização de vida.

Atuar (ser ator por inteiro) no campo da arte é estar atuando no campo do instituinte que cria **outro paradigma:**

ético - é ser habitante do tempo e do espaço apostando nas diferenças, além das similaridades;

estético - é inventar e tornar a inventar sempre o ser humano e o mundo como um trabalho de arte;

cultural (político-social) - é enfrentar, com **IMAGINAÇÃO**, forças individuais e coletiva que são tanto desafiadoras quanto abastecedoras.

Desenho é perquiridor, é análise, é envolvimento de pensamentos e ações. É meio pelo qual o artista explicita sua percepção individual do mundo com intenção expressiva pessoal-coletiva, desejada e desenhada.

Desenho formula metáforas visuais.

Desenhos na contemporaneidade são além de sistemas simbólicos; são percepções ativas, conceitos, pensamentos, intuições, invenções, desconstruções.

Desenhos são qualidades únicas sem perdas e sem podas.

Desenhos são associações multiplicantes de “armazenamentos” mentais-visuais que indagam sem cessar. O artista precisa “dizer” Coisas através de formas que digam de suas Necessidades Significativas.

O artista não é uma espécie de rei porque tem poder, mas também porque tem grandes dúvidas.

“Um quadro é um universo cheio de surpresas. Uma forma é uma estrutura que contém dentro de si mesma os mistérios e os dramas mais inverossímeis. O olhar vai de um estímulo sensorial a outro e nesse andar tece uma urdidura que sugere arquitetura musical.” Mário Pedrosa.

Alguns artistas contemporâneos “tecem urdiduras arquitetônico-musicais”; constroem metanarrativas & metaimagens, como Borofsky, Keith Haring, Basquiat, McCollum na Exposição **Alegorias do Modernismo**; desenho contemporâneo, MOMA, New York em 1992.

Jonathas Borofsky faz uma arte de acumulações, desenhando e “escrevendo” pequenas histórias - sonhos sonhados em seqüências cinéticas, conceituais e enumerativas. Sons mecanizados e poemas são partes das instalações, desenhos-esculturas nos espaços que se movimentam. O espetador-fruidor é absorvido como se estivesse em um aparelho de televisão participando dos sonhos do artista.

Keith Haring com seus murais é do grupo dos grafiteiros. As linhas andantes, como as linhas Kleenianas, se transformam em figuras aladas-aliadas a linhas, ondulações, travessões e códigos.

Desenhos e magias se imbricam, são phallus-bombas-anjos em esquinas, são diagramas de uma estrutura de um átomo ou de imagem de TV em uma visão apocalíptico-estética.

Jean Michel Basquiat está totalmente colado ao desenho. As experiências de rua são sua base e as “marcas acidentais” são uma estética da experiência. Basquiat assume o experimental. Busca questões contemporâneas dentro-e-fora da arte e da literatura, cartoons, Rauschemberg, Dubuffet e a “arte bruta”, poesias das ruas, a arte “congelada egípcia e retratos “funerários”, a arte da Renascença (uma Madona depois de Bernini com feições Africanas, Tahitianas), parte de sua mistura Africana-Tahitiana-Porto Riquenha-Americana-criança das ruas Nova Yorkinas - sua herança cultural. Basquiat apropria-se do apropriado. Desenhou a Galeria dos Primitivos e se inclui nela.

Allan McCollum tem um desenho que é tanto um produto de massmedia, quanto é um trabalho único, no qual ele quebra conceitos ortodoxos de originalidade, de habilidade e de autoria, usando “outras coisas” para fazer seus desenhos. Os desenhos de McCollum são questões quanto à exposição de um único objeto de arte como um “totem de troca” em um flutuante espaço

mercadológico, o qual ciclicamente o redistribui, mudando seu significado e seu valor, fazendo com que o desenho resida no valor.

Seus desenhos são substitutos de substitutos: são substitutos para objetos das “belas artes”. São “presentados” como em um espelho interminável de funções “auto-presentacionais” de arte: são feitos socialmente transparentes e todos e cada um tem poder e poderes expressado e expressados em sua e em suas superfícies. Seus desenhos são superfícies-peles, feitas para vender - são objetos de desejos.

*Desenhar é atuar através de estruturas e cores
em uma temporalização e espacialização holística, de três formas:
ontológica (refere-se àquilo que sou),
gnoseológica (refere-se àquilo que eu sei),
epistemológica (refere-se a como eu sei e imagino socialmente),
“imagizadamente” (imagens com imaginação e ação).*
**Desenhar é Saber Ser por Formas e Imagens.
Desenhar é Suprafundar-se e Surpraformar-se.**

“CIDADES UTÓPICAS” A Cidade e a Arte

**“Os homens do poder são os homens do progresso,
os artistas são os homens do retorno”.** Argan

“CIDADES UTÓPICAS” interliga Cidade e Arte Contemporânea. É desenvolvimento de projeto de artes plásticas; interregno entre experiência estética, valores espaço-temporais e fruição estética.

Questiona conceitos-práxis-reflexões sobre desenho, cultura, arte e vida, arte e meio-inteiro, ambiente, indaga por uma estética eco-ético-cultural.

“CIDADES UTÓPICAS” interliga tanto o desenho do artista, quanto os desenhos coletivos, nos domingos desenhantes (com seis horas de desenhos), em espaços públicos da cidade de Uberlândia, e das Universidades Federais de Minas Gerais (Uberlândia, Belo Horizonte, Juiz de Fora, São João D’el Rei, Ouro Preto, Viçosa, Itaúna) durante o ano de 1993-94.

São experiências-projetos, fluxos de vidas.

“CIDADES UTÓPICAS” são PORTAS: entradas e saídas, separações e ligações simultâneas, quer de Bruno Contardi, de Simel, de Argan, de Duchamp, de Lygia Clark, de Hélio Oiticica. São portas: duplos alçapões (Magritte). São

portas ambíguas (Wittgeinstein), que abrem e fecham possibilidades e resistências.

“CIDADES UTÓPICAS” são espaços de construções infinitas: são extensões de “continuum”(s) experienciados em constantes inquirições: são construções que se desconstrõem, para “outras” construções. São extensões de corpos - metacorpus - em desconstruções históricas de “aqui(s) e agora(s)”.

“CIDADES UTÓPICAS” são espaços urbanos entendidos como espaços & tempos de objetos e para objetos trans-formados: são espaços & tempos de “Coisas” biográficas produzidas: são espaços & tempo figurados feitos não apenas do que se vê, mas de um enorme potencial de Coisas que se sabem e se sentem e se lembram, acontecimentos, lembranças, memórias, desejos, inquietações.

“CIDADES UTÓPICAS” são espaços de histórias de arte: são histórias de “alguns” e múltiplos objetos, postura fenomenológica (Merleau-Ponty); Coisas que estão relacionadas com valores, valores de uso, valores de troca, valores significativos século vinteanos.

“CIDADES UTÓPICAS” são patrimônios artístico-culturais: espaços de pesquisas científicas; intervenções no devir da cidade. A Arte é “atividade tipicamente urbana, não apenas inerente, mas constitutiva da cidade”. Argan.

“CIDADES UTÓPICAS” são cidades construídas com pseudo-lixos da cidade. São trans-formações de mortos em vivos, “Exquisite Corpse” (Rose Bernice); são movimentos arqueológicos de “catar lixos” da fartura em um país do desperdício. São DESENHOS TRIDIMENSIONAIS; trans-esculturas e trans-estruturas de sucatas de fábricas de calçados, de confecções de tecidos, folhagens e flores caídas naturalmente nos espaços urbanos, quer secas, quer murchas; são sucatas industriais e sucatas vegetais, as quais convivem com seres humanos que se dizem e se sentem sucateados.

“CIDADES UTÓPICAS” são cadáveres vivos e cadáveres alados de imaginações.

“CIDADES UTÓPICAS” são cidades construídas induzindo a olhares multidirecionais (Merleau Ponty), que adentrem e questionem “de onde viemos, quem somos, para onde vamos?” obra de Gauguin, 1898.

“CIDADES UTÓPICAS”; a cidade e a arte contemporânea são trans-esculturas e trans-estruturas histórico-humanizadas.